

A SEGURANÇA DOS QUE CUIDAMOS

Enfermeira Catarina Freitas
Vogal do Conselho Diretivo Regional da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros

Os princípios pelos quais se regem os cuidados de enfermagem são a base de sustentação de uma prática e de uma intervenção segura, ética e científica. No tempo que vivemos, de medo, de dúvidas e constantes atualizações, umas mais acertadas do que outras, a segurança dos cuidados reveste-se de grande importância! Na verdade, a segurança da pessoa doente é uma questão que tem sido alvo de uma crescente preocupação em todo o mundo, sendo um princípio fundamental nos cuidados prestados e com impacto importante na qualidade e outcome dos mesmos.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) refere mesmo que a pandemia COVID-19 revelou os enormes desafios e riscos que os profissionais de saúde enfrentam globalmente, incluindo infeções associadas aos cuidados de saúde, violência, estigma, distúrbios psicológicos e emocionais, doenças e até morte. Na realidade, trabalhar em ambientes de maior stress leva a que os profissionais de saúde estejam mais sujeitos a erros que podem causar danos à pessoa doente.





Nessa linha de pensamento, a OMS, visando a melhoria da segurança da pessoa doente, recomenda a implementação de várias medidas que permitam evitar a ocorrência de eventos adversos, tornar os mesmos visíveis e minimizar os seus efeitos com intervenções eficazes. No que diz respeito à intervenção de enfermagem junto da pessoa doente, esta envolve a possibilidade de erro e um certo nível de risco à segurança, estando inerente a aspetos relacionados com a comunicação e a relação interpessoal em que os cuidados de enfermagem assentam, bem como nos aspetos processuais e técnicos do exercício da profissão.

Para o International Council of Nurses (ICN), o desenvolvimento de uma cultura de segurança implica um conjunto de medidas, com um amplo espectro de ação, como por exemplo as instituições recrutarem e integrarem um conjunto de profissionais fixos, permitindo a melhoria do desempenho, as medidas de segurança ambiental e a gestão de risco (controle de infeção, prática clínica segura, segurança dos equipamentos, manutenção de um ambiente de cuidados seguro). Para este organismo internacional é evidente que números inadequados de profissionais estão correlacionados com eventos adversos, tais como, quedas, lesões cutâneas por pressão, erros de terapêutica, infeções nosocomiais e readmissões hospitalares. A escassez de recursos, com rácios enfermeiro/ doente inadequados e com limitações ao desempenho, por parte dos profissionais, quer pela

falta de motivação, quer por falta de conhecimentos e competências técnicas, também são importantes para determinar a segurança das pessoas.

Se pensarmos em segurança dos doentes considerando o descrito anteriormente, uma das metas a atingir está estreitamente ligada com a redução da infeção associada aos cuidados de saúde e aí vem à mente a necessidade de controlo de infeção, com ações como a higiene das mãos, do ambiente e materiais clínicos, mas também a utilização de equipamento de proteção individual (EPI´s) adequado a cada momento do cuidar. Muito se tem falado na comunicação social e nas redes sociais sobre a escassez destes equipamentos, no entanto, com o tempo parece que passou a ser um tema esquecido para a população em geral, mas para os profissionais de saúde e para aqueles que têm a necessidade de procurar cuidados de saúde é uma preocupação constante e não se reflete apenas no momento atual. Agora pergunto, se no inico desta pandemia 49% dos Enfermeiros referiram não ter EPI´s disponíveis, de acordo com o inquérito efetuado pela Ordem dos Enfermeiros (OE) regional, qual é a disponibilidade e acessibilidade dos mesmos nas nossas instituições no dia-a-dia?

A utilização de EPI´s é recomendada em vários momentos da prestação de cuidados e não apenas perante este vírus! Acredito que devemos tentar tirar partido desta situação de pandemia, pois uma vez que deu visibilidade às inúmeras fragilidades inerentes aos cuidados de saúde





devemos aproveitar a oportunidade para corrigir e melhorar! Estamos então perante um dos maiores desafios para a excelência da qualidade no serviço de saúde, uma vez que as condições de trabalho comprometem a qualidade dos cuidados não só na Região, mas em todo o país!
Já ninguém tem dúvidas e é reconhecido que neste contexto exige-se um maior rigor em todas as intervenções, mas ações do dia-a-dia como uma correta lavagem das mãos, nos cinco momentos definidos pelas organizações competentes na área (antes do contacto com a pessoa doente; antes de procedimentos limpos/assépticos; após risco de exposição a fluidos orgânicos; após contacto com a pessoa doente e após contacto com o ambiente envolvente), uma correta utilização e adequação de EPI´s que proteja tanto os profissionais, como todos os utentes, são fundamentais. Perante esta ameaça real, treinamos mentalmente, vezes sem conta os procedimentos, a colocação e remoção de equipamentos de proteção, mas quando chega ao momento…também nos sentimos vulneráveis: acelera o coração, embaciam os óculos, a máscara aperta o nariz, prende o cabelo, pressiona a orelha, o suor escorre da testa e por baixo da bata! No final, lá estamos nós, mais uma vez a dizer presente, a desempenhar o que nos compete e com a responsabilidade que nos compete! Heróis? Não! Palmas? Não, obrigada! Devido reconhecimento e renumeração? Sim! E esta é uma exigência antiga e muito anterior à pandemia!
Ouve-se frequentemente, nos

corredores dos hospitais, centros de saúde, e em diferentes locais públicos, como é difícil e desconfortável usar máscara! A população lamenta esta dificuldade, mas bem ou mal lá vão utilizando o novo acessório da moda! Também aí, os profissionais têm uma intervenção de educação para a saúde, ensinar, exemplificar, incentivar uma correta utilização da máscara.
Indo ao encontro do defendido, desde o início da pandemia, pela OE Regional, na pessoa do seu Presidente, Enfermeiro Pedro Soares durante as suas inúmeras intervenções. Ademais de acordo com o código deontológico, o enfermeiro é responsável para com a comunidade na promoção da saúde e na resposta adequada às necessidades em cuidados de enfermagem, conhece as necessidades, participa na busca de soluções para os problemas de saúde detetados e colabora com outros profissionais em programas que respondam às necessidades da comunidade.
Congratulo-me pela projeção desta temática, e também pela sua pertinência que tem vindo a permitir que a população se familiarize com estas temáticas e deste modo estejam mais capacitados e melhorem a literacia em saúde. Esta é sem dúvida uma forma da população se envolver no processo de saúde/doença e contribuir para a qualidade dos cuidados, como um elo ativo na procura da sua segurança.
A melhoria da segurança da pessoa doente implica um conjunto variado de ações que exige uma abordagem multiprofissional e interdisciplinar que permita a identificação e gestão de riscos reais e potenciais de modo a encontrar soluções globais a longo prazo para o sistema como um todo.
Como enfermeiros, sentimos a necessidade de procurar, ler evidência científica atual, rever procedimentos, fazer protocolos, o que não se reflete apenas neste momento de pandemia, mas sim num percurso profissional de melhoria contínua da qualidade dos cuidados que prestamos. Um percurso pela excelência do cuidar!

